

RELAÇÕES ÉTNICO TERRITORIAIS ENTRE GUARANI, KAIOWÁ E TERENA NA RESERVA INDÍGENA DE DOURADOS/MS

NASCIMENTO, Gabriela Rodrigues Ferraz¹

RESUMO

Os Guarani, Kaiowa e Terena estão precariamente territorializados na Reserva Indígena de Dourados, localizada entre os municípios de Dourados e Itaporã, estado de Mato Grosso do Sul. A Reserva foi dividida em duas aldeias na década de 1970, a Jaguapirú e a Bororó. A existência dessas duas aldeias percorre as relações de conflitos étnicos e políticos entre essas três etnias no contexto de conformação espacial da Reserva. O objetivo da pesquisa foi compreender as diferenças espaciais, discursivas e étnico-políticas em meio às situações de conflitos e violências na Reserva Indígena de Dourados, atualmente conurbada a cidade de Dourados. A respectiva pesquisa percorreu o desafio de analisar as ocorrências de violências contra os povos indígenas através dos Relatórios de Violências Contra os Povos Indígenas no Brasil, anualmente divulgada pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), entre os anos de 2010 a 2015. A partir dos dados divulgados pelo CIMI percorremos o desafio de analisar as territorialidades dentro da Reserva. Nessa trajetória foi possível perceber as relações conflituosas existentes entre as três etnias, assim como formas de identificar no discurso “quem é mais ou menos índio” no contexto da conformação espacial existente na Reserva, nas relações entre Jaguapirú e Bororó. Ainda, é importante considerar as ocorrências de violências marcadas por altos índices de suicídios, homicídios que estão atrelados as condições de vida nesse espaço geográfico. Tentativas de assassinatos, ameaças de morte, lesões corporais dolosas, abuso de poder, racismos e discriminação étnico culturais, violência sexual, aparecem corriqueiramente nos relatórios do CIMI. Outro ponto importante que percebemos no decorrer da pesquisa são os conflitos que decorrem do alcoolismo e entorpecentes entre jovens, característica que permite observar a transformação nos modos de vida na Reserva decorrente das relações com o “mundo do branco” e, nessa perspectiva, é importante ressaltar as relações conflituosas entre Reserva e a cidade de Dourados. A cidade é percebida pelas três etnias como o lugar de oportunidade, especialmente marcada pelas relações de trabalho, no qual os indígenas participam de forma precária. Todavia, a cidade é o lugar onde impera o ódio contra os índios, marcado por diversos estereótipos, como o mito da preguiça, da sujeira, a Reserva reproduzida socialmente como o lugar da barbárie. Contraditoriamente a esse imaginário e disseminação de ódio contra o índio, na cidade, os “brancos” são favorecidos pelo “mundo do índio”, inclusive economicamente, do trabalho indígena.

Palavras-Chave: Guarani, Kaiowa e Terena; Território; Etnicidade; Violência.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa parte do desejo de um olhar amplo sobre etnicidade e relações socioterritoriais na Reserva indígena de Dourados, buscando compreender as relações étnicas entre as etnias presentes e aqui se torna imprescindível a abordagem sobre cada um deles e seus históricos de contato.

A partir dos dados do Instituto Socioambiental (ISA), em relação aos Guarani², em determinado momento, os exploradores vindos da Espanha e Portugal se deparam

¹ Discente do curso de Geografia da UFGD – Dourados. Email: (g.ferraz@outlook.com.br)

com um povo denominado *Avá* (que em nossa tradução significa homem), tendo ainda diversas denominações até enfim serem reconhecidos Guarani. Os grupos Guarani ocupavam inicialmente o território que hoje compreende a região Sul do Brasil, os primeiros contatos com europeus foram registrados no século XVI e XVII, sofreram deslocamentos pelas apropriações europeias, que se apropriavam dos territórios indígenas, os quais eram tidos como indivíduos que deveriam ser conquistados. Os Guarani são descendentes dos Itatins e Caaguás, atualmente é um povo que vive em algumas regiões do Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina e esta dividido em grupos muito semelhantes em alguns aspectos culturais e sociopolíticos que são, os Mbya, Kaiowa e Ñandeva, Instituto Socioambiental (2003).

Os Kaiowa habitavam a região da serra de Amambai, atual fronteira entre Mato Grosso do Sul e Paraguai e, por isso, permaneceram praticamente isolados até meados do século XIX. Isto mudou após a Guerra do Paraguai, que teve como parte do cenário de batalha o território indígena. A população Guarani e Kaiowa que habita a região sul do estado de Mato Grosso do Sul somatizam cerca de 43.401 pessoas IBGE (2012) e, na sua grande maioria, corresponde ao grupo Kaiowa, ambas são falantes da língua guarani. Os Guarani e Kaiowa denominam os seus territórios étnicos de *tekoha*³. O *tekoha* é o lugar físico de habitação, terra, mato, campo, águas, animais, plantas, remédios. Habitando a região sul do Mato Grosso do Sul, os Guarani e Kaiowa distribuem suas aldeias por uma área que se estende até os rios Apa, Dourados e Ivinhema.

Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), os povos Terena são um dos subgrupos dos povos Guanás (índios que saíram da região das Guianas em migração para o Sul) os quais se estabeleceram no Mato Grosso do Sul. Os Terena ocupavam a bacia do Rio Paraguai, na região do Chaco no Pantanal. Assim como os Guarani e Kaiowa esse povo migrou e passou a ocupar a região sul do Mato Grosso.

Segundo os dados do IBGE (2012), a população Terena no Mato Grosso do Sul está estimada em aproximadamente 20.000 mil pessoas, atualmente os índios Terena estão distribuídos em diferentes municípios, tais como Miranda, Aquidauana,

² O termo refere-se a uma das mais representativas etnias indígenas das Américas.

³ O termo é de origem Guarani que significa aldeia, ou lugar habitado pelo grupo.

Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo e, também, famílias vivendo em Dourados, Porto Murtinho e São Paulo.

Os povos Terena também foi uma das etnias inseridas na Reserva que devido as dificuldades enfrentadas nesta, tiveram de ser adaptar a um novo modelo de vida, assim como os Guarani e Kaiowa. Com a inserção de diferentes etnias, foi desenvolvido na Reserva relações e organizações socioterritoriais multiétnicas, gerando disputas e fronteiras entre os determinados grupos presentes.

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir dos Relatórios de violência contra os povos indígenas no Brasil 2010-2015, o que possibilitou perceber os conflitos e violências existentes na Reserva Indígena de Dourados entre as etnias Guarani, Kaiowa e Terena.

Para compreender as relações que envolvem as três etnias na Reserva partimos de uma minuciosa pesquisa bibliográfica que contemplasse os objetivos da pesquisa. As principais referências bibliográficas utilizadas na pesquisa foram as seguintes: Sobre os povos Guarani e Kaiowa - Mota (2011; 2015); Instituto Socioambiental (ISA); Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

Sobre os povos Terena - Maria Elisa Ladeira (2001); Instituto Socioambiental (ISA).

Os Guarani, Kaiowá e Terena na Reserva Indígena de Dourados

Como apontam Pereira (2014) e Mota (2011), a Reserva Indígena de Dourados (RID) e/ou Posto Indígena (PI) foi criada pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) através do Decreto Estadual 401 de 1917, com 3.600 habitantes, sendo a segunda reserva criada pelo SPI constando como uma terra devoluta. O título definitivo da área legalizada foi emitido em 1965. Esta área foi, inicialmente, reservada aos índios da etnia Kaiowa, que já ocupavam o local e seus entornos. Transformada em uma área de inserção das famílias indígenas vindas de dezenas de comunidades das etnias Kaiowa, Guarani e Terena, ou seja, retirados de seus territórios tradicionais e inseridos dentro da reserva. A reserva pode ser compreendida como parte de uma invenção moderna-

colonial (Mota, 2011), pois, os modos de viver dentro da Reserva não estão de acordo com o verdadeiro modo indígena.

A Reserva encontra-se localizada entre os municípios de Dourados e Itaporã e concentra o maior número populacional e é compartilhada por indígenas das etnias Guarani, Kaiowa e Terena e ainda outros grupos indígenas e não indígenas que compartilham um espaço geográfico, precário e multiétnico (Mota, 2011).

O censo do IBGE (2010) contabilizou cerca de 11.138 pessoas vivendo na Reserva Indígena de Dourados. Dos estudos já realizados sobre os povos indígenas no município de Dourados reforçamos que a Reserva é um produto da colonialidade, que introduziu uma forma de vida diferente da que se vivia antes do encontro com o não indígena. Segundo Mota (2015) o espaço compartilhado por estas diferentes etnias foi de princípio um projeto civilizatório, havendo imposição de novas formas de viver, buscando “branquear” os indígenas.

A reserva se divide em duas aldeias, a Jaguapirú tendo uma população predominante de Guarani e Terena, e a aldeia Bororó, onde se concentram famílias da etnia Kaiowa. A posse da terra é definida a partir de acordos internos, por anterioridade de ocupação, ou seja, dos que chegam primeiro e ali habitam ou pelo investimento e produção de parte da terra. Para os indígenas e para a FUNAI o maior conflito no interior da reserva, é devido à lotação, pois, as diversas casas estão instaladas em um pequeno espaço e pela posse e distribuição de terras. Para Passos (2007), há diferentes formas em relação ao uso da terra, os Guarani acusam os Terena de concentrar e ocupar terras que não lhe pertencem para desenvolver a agricultura e conceder aos não-indígenas. Os Terena, dizem que pretendem aproveitar, economicamente, terras que estão improdutivas.

Segundo Passos (2011), a maioria das casas, da aldeia Jaguapirú, são beneficiadas com energia elétrica e água potável. Esta cortada pela BR 156, que liga a cidade de Dourados à cidade de Itaporã, onde há um intenso movimento na rodovia que circulam carros, ônibus, motocicletas, carroças, bicicletas e caminhões. A aldeia Jaguapirú, apresenta extensão geográfica inferior à aldeia Bororó e abriga, aproximadamente, 50% da população da Terra Indígena. É crescente o número de jovens dessa aldeia que frequentam a universidade. É interessante notar que na aldeia Jaguapirú também é crescente o número de casamentos entre os diferentes grupos

indígenas, contribuindo para o entendimento das relações, é possível afirmar que há na aldeia um grande número de indivíduos classificados como mestiços, os mestiços são os descendentes de duas ou mais etnias, como os filhos de não indígenas com indígenas e das etnias ali presentes. Outra característica é o bilinguismo, que usam destas para a comunicação com não indígenas e da parte dos Guarani e Kaiowa para se comunicarem com os Terena que falam fluentemente o português, pois a maioria destes não falam a língua nativa.

Segundo Mota (2011) a aldeia Bororó abriga famílias Guarani e Kaiowa, tendo um número reduzido de indígenas Terena e mestiços. A língua predominante é o Guarani, é constante a migração de indígenas entre aldeias e o que explica isso seria as acusações de feitiçaria, disputas entre as lideranças, realização de rituais, visitas entre parentes, mortes de familiares, também, casamentos e separações. Aos indígenas, que habitam a aldeia Bororó, está associada uma situação de miséria, pobreza e violência. Visão esta obtida por indígenas e não indígenas. Dentro e fora da reserva, os discursos sobre a aldeia Bororó estão em torno dos suicídios, mortalidade infantil, alcoolismo, assassinatos, decapitações e apreensões de drogas.

As narrativas de casos de violência entre os indígenas estão sempre associadas ao consumo excessivo de álcool. Embora a violência esteja associada à aldeia Bororó e aos Guarani e Kaiowa, os casos de violência estão presentes, também, na aldeia Jaguapirú, entre os mestiços e Terena. Passos (2007) aponta que em julho de 2004, a FUNAI criou uma prática denominada Operação Sucuri para o combate da violência no interior da reserva, para a atuação em questões como estas apontadas acima, que percorrem as ocorrências da Bororó e da Jaguapirú, operação em que a população indígena apoia a persistência para combate de violência. Outro caso conflituoso é de que as duas aldeias estão ligadas por laços de parentesco, porém, há uma discordância entre as aldeias em relação às questões políticas ligadas à administração das terras.

Relações interétnicas e conflitos entre as aldeias Jaguapirú e Bororó

A partir da década de 70, houve a divisão da reserva indígena entre Jaguapirú e Bororó, tal ação é parte dos conflitos internos existentes hoje, motivada devido à grande concentração populacional indígena. A divisão também pode ser explicada pela busca de facilitar a administração de terras.

Segundo Mota (2015), os Guarani, Kaiowa e Terena mantêm similaridades nos modos de vida, porém, persistem em fazer diferenciações entre si e lutam para recriar os seus verdadeiros modos de vida nas condições precárias de reserva que lhes foi imposto. As relações étnicas são marcadas pelas formas de vida diferentes, ou seja, independente da classificação indígena, há algumas diferenças na organização social de cada uma destas etnias, as que estão presentes na Reserva demonstram muita similaridade, que se observada pelo não indígena passam quase que despercebidas, então não conseguimos ver com grandeza e são estas diferenças que nos passam despercebidas que marcam os relacionamentos entre etnias.

Alguns grupos presentes na reserva se apropriam de determinados espaços que muitas vezes podem demonstrar outras realidades, por exemplo, espaços em que mantêm laços de parentesco. A necessidade de manter uma fronteira demonstra nitidamente as diferenças entre estes que impossibilitam relações mais intensas com os outros, pois, cada um possui uma forma diferente de ver o mundo.

Como afirma Mota (2011), é pelo caminhar que o reconhecimento de si e dos outros se constrói, então, os relacionamentos e as construções das identidades se dão através dos movimentos dentro e fora da reserva.

Os movimentos e as construções de si fora da Reserva estão diretamente ligados pelas relações com o mundo do não indígena, aonde há a possibilidade do contato e a absolvição de características culturais. Dentro da Reserva a mesma coisa, características diferentes são inseridas em suas realidades.

Os discursos de identidade estão embutidos nas formas de viverem uns com os outros, em suas similaridades e diferenças. Um dos principais fatores que expressam as fronteiras é sem dúvida as disputas pelo território, pois, estes buscam exclusividades de uso para as famílias em comum, para que sua cultura seja instalada e propagada. Há fortemente as comparações com os modelos de vida atuais com os dos antepassados, lembrando que a vida atual é marcada também pelas relações com os não indígenas, então, as reproduções no espaço estarão quase sempre ligadas as características de práticas da sociedade moderna. Segundo Mota (2011), para os indígenas há uma forte diferenciação das etnias que estão mais próximas ou não do verdadeiro modo de ser indígena, como por exemplo, para os Kaiowa, os Terena são vistos como causadores de todos os conflitos. Já as relações dos Guarani com os Kaiowa são mais intensas,

mantendo uma boa relação, por conta da semelhança, já que os Terena se assemelham mais aos não indígenas.

Para os Guarani, os Terena são os que obtém dinheiro devido sua boa adaptação a sociedade moderna, por obterem cargos importantes e ganharam um salário superior aos outros e estes veem os Guarani e Kaiowa como indígenas estagnados pelas relações do passado. Cada qual tem uma visão do verdadeiro modo de ser indígena, encarando sua realidade como a mais correta. Com tantas características definitivas podemos dizer que dentro da reserva há uma fusão de modos múltiplos.

Adentrando nas relações conflituosas na Reserva podemos considerar que os índices de violências a cresceram a partir da grande concentração populacional na década de 70, o CIMI (2010-2015) como analisado, demonstra que o Mato Grosso do Sul é o estado que registra os maiores índices de violência contra os povos indígenas e a Reserva Indígena de Dourados lidera tais ocorrências. A violência existente na Reserva é reflexo da territorialização precária imposta aos povos indígenas e a dificuldade de adaptação dessas três etnias no *modus operandis* da Reserva.

A violência pode ser explicada pela falta de orientação dos jovens, pois pensar em violências e conflitos é também ter olhares para a realidade vivida entre crianças e jovens presentes na reserva, eles nos permitem uma interpretação diferenciada acerca da reserva, estes são de fato sujeitos importantes que atuam sobre a realidade, que encaram uma visão de mundo muito diferente dos adultos, que devido ao processo de crescimento estão sujeitos a influências externas e internas se adaptando a elas e se transformando juntamente. É perceptível que a visão de reserva para os jovens vem envolvida de um lugar de medos e sonhos devido à violência cotidiana ao anseio de realizações.

As tabelas a seguir nos permitem analisar as relações conflituosas dentro da Reserva entre os anos de 2010 a 2015.

Tabela I - Homicídios no Mato Grosso do Sul

2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total
34	31	7	33	25	20	150

Fonte CIMI, 2010-2015. Elaborado pela autora deste trabalho.

Tabela II – Suicídios no Mato Grosso do Sul

2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total
13	13	9	50	48	45	178

Fonte CIMI, 2010-2015. Elaborado pela autora deste trabalho.

A tabela I e II nos mostra as ocorrências de homicídios e suicídios em todo o Mato Grosso do Sul e nesta se torna perceptível os altos índices de violência no estado. Segundo o CIMI a maior concentração de ocorrências do estado está na Reserva indígena de Dourados.

Tabela III - Homicídio na Reserva Indígena de Dourados

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total
Jaguapirú	3	5	4	5	0	2	19
Bororó	4	3	8	6	9	5	35
Outros	1	4	5	2	2	2	16
Total	8	12	1	13	11	9	54

Fonte CIMI, 2010-2015. Elaborado pela autora deste trabalho.

A Tabela III revela os índices de homicídios dentro da reserva, a grande maioria das ocorrências envolvem os Kaiowa, e tendo como lugar a aldeia Bororó. Os outros locais indicados na tabela referem a dados que descreviam ocorrências acontecidas em rodovias, postos de gasolina, bares e até mesmo dentro da cidade de Dourados. Os objetos utilizados variam sempre entre arma branca, arma de fogo, facção, pedaço de madeira, faca entre outros utensílios.

Tabela IV - Suicídio na Reserva Indígena de Dourados

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total
Jaguapirú	0	2	0	0	0	0	2
Bororó	2	3	0	6	0	0	11
Outros	1	0	1	1	8	7	18
Total	3	5	1	7	8	7	31

Fonte CIMI, 2010-2015. Elaborado pela autora deste trabalho.

A Tabela IV revela o índice de suicídios, ocorrências que também envolvem em grande parte os Kaiowa e de maior frequência a aldeia Bororó. Os outros locais indicados referem-se em lugares afastados, a maioria das pessoas que cometeram suicídios buscaram esconderijos para tal ação, uma revelação que esses dados também

nos trazem é o das pessoas envolvidas, que mostram os jovens como atuantes da própria morte, executadas com objetos como cadarço de tênis, pedaços de pano e cordas.

Por isso que interpretar a realidade dos jovens envolve a complexidade do processo de territorialização da reserva, que se encontra de forma precária e oferece condições para o desenvolvimento de conflitos e violências. Nessa desestruturação da aldeia, a figura do tradicional tem se perdido pelas influências, de forma que os jovens índios acabaram por frequentar igrejas de não indígenas, o que trouxe uma enorme desestruturação no mundo místico-religioso desses povos, pois, religiosidade é à base da estruturação ética e individual da cultura que se baseiam em práticas dos antepassados e isso provoca grandes problemas na busca da identidade e no desenvolvimento emocional dos índios adolescentes, se pararmos para refletir assim como os adolescentes não-indígenas, os adolescentes índios também sofrem, nessa fase de transição da adolescência, ainda mais quando já influenciados por diversas culturas.

As desestruturas existentes dentro da Reserva faz com que o uso de drogas lícitas e ilícitas entre a população jovem cresça a cada dia, esse fato faz com que o índice de suicídio se eleve cada vez mais. Os fatores que mais causam a dependência desses jovens ao uso de drogas muitas vezes está vinculado ao fato dos mesmos terem que se ausentar de sua comunidade para trabalhos no meio urbano, levando-os a ter contato com outras culturas o que gera conflitos de identidade, pois sabemos que as culturas são muito diferentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povo Guarani, Kaiowa e Terena vivem na Reserva Indígena de Dourados e compartilham o mesmo território, caracterizado como território multiétnico. Na Reserva, essas três etnias vivenciam tensões de conflitos e fronteiras étnicas, sendo perceptível o grande índice de violência envolvendo os Guarani e Kaiowa, principalmente. Os Guarani e Kaiowa, os jovens, são os que mais sofrem com a violência, concentradas principalmente na aldeia Bororó. Tais situações afetam a maneira de viver desses povos na Reserva. Os indígenas vivenciam uma realidade marcada pelo medo, pela tensão cotidiana da violência que se materializa nos altos

índices de homicídios dentro da Reserva. Na reserva esses povos estão mergulhados em ambiente precário marcado pela miséria.

Na Reserva, os povos Guarani, Kaiowa e Terena vivenciam um ambiente marcado pela violência, por conflitos internos entre etnias, interferência dos não indígenas, seja através do controle da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), relações de trabalho e alianças políticas, especialmente nas relações com a cidade de Dourados.

Podemos afirmar que a Reserva Indígena de Dourados se constituiu como território precário, cujo objetivo era a desterritorialização dos indígenas de seus territórios originais, ou seja, o papel aplicado a Reserva era o de abrigar os indígenas para que seus territórios tradicionais fossem monopolizados pelas frentes de ocupação.

Esta pesquisa busca contribuir para o entendimento das relações complexas existentes entre as três etnias na Reserva, assim como propiciar o debate sobre a violência e o conflito existente no cotidiano da Reserva.

BIBLIOGRAFIA

CIMI – Conselho Indigenista Missionário. **Relatórios de Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil**. Brasília: CIMI, 2010-2015.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos Indígenas do Brasil**. ISA. São Paulo, 2006. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt>. Acesso em: 05 de Agosto de 2017.

LADEIRA, Maria Elisa Martins. **Língua e história: análise sociolinguística em um grupo Terena**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Territórios e territorialidades Guarani e Kaiowá: da territorialização precária na reserva indígena de Dourados à multiterritorialidade**. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados-MS, 2011.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Territórios, multiterritorialidades e memórias dos povos Guarani e Kaiowá: diferenças geográficas e as lutas pela Des-colonização na Reserva Indígena e nos acampamentos-tekoha – Dourados/MS**. FCT-UNESP. Presidente Prudente, 2015.



PASSOS, Lilianny Rodriguez Barreto. **Associações Indígenas**: um estudo das relações entre Guarani e Terena na Terra Indígena de Dourados – MS. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

PEREIRA, Levi Marques. A atuação do órgão indigenista oficial brasileiro e a produção do cenário multiétnico da Reserva Indígena de Dourados, MS. 38º **Encontro Anual da Anpocs**, 2014.